

## Entrevista com Marieta M. Ferreira\*

Presidente da Associação Internacional de História Oral, gestão 2000-02.

“Existem muitas divergências, até mesmo de fundo, sobre o que é a história oral, sobre como deve ser feita a história oral, mas (...) isso não pode ser um impedimento ao entendimento entre aqueles que trabalham com história oral. Essas divergências nunca se transformaram em conflitos que tivessem impedido o desdobramento, o avanço do movimento da história oral no Brasil. Muitas pessoas aqui em Istambul têm me perguntado por que a história oral assumiu uma dimensão tão significativa no Brasil. Acho que, além das características do país, além de termos no Brasil uma rede de financiamento institucional que nos ajuda a realizar encontros, o motivo principal é essa relação que foi criada entre as pessoas e entre as diferentes regiões do país.”

*Marieta de Moraes Ferreira*

A ENTREVISTA COM MARIETA ocorreu no último dia do Congresso, poucos minutos antes de sua posse como presidente da Associação Internacional de História Oral. Novamente tivemos que procurar um lugar reservado, e a organização do Congresso ofereceu-nos uma sala no prédio onde ocorreria a cerimônia de encerramento, na Universidade

---

\* Entrevista realizada por Marco Aurélio Santana e Verena Alberti em Istambul, Turquia, em 17 de junho de 2000. Transcrição: Maria Jovira Simonetti; conferência de fidelidade e edição: Verena Alberti; notas: Regina Helena Meirelles Santiago e Verena Alberti.

de Bogaziçi. O eixo central do roteiro foi praticamente o mesmo, abrangendo o percurso que levou Marieta à história oral, a trajetória da história oral no Brasil e sua avaliação do movimento internacional.

Já haviam transcorrido quatro dias de intensos trabalhos, tanto nas sessões acadêmicas quanto nas reuniões da Associação. Estávamos todos cansados, mas satisfeitos com os resultados do Congresso. A entrevista transcorreu em clima de conversa informal, e não exigia de nós termos de pensar em outra língua que não o português.

Marieta recapitulou a trajetória da história oral no Brasil, lembrou de alguns encontros nacionais marcantes, que contribuíram para estreitar os laços entre os brasileiros e deles com pesquisadores estrangeiros convidados, e procurou traçar o percurso que levou o Brasil a ter um papel de destaque no movimento internacional da história oral. Como membro da diretoria da Associação Internacional de História Oral de 1996 até 2000 e agora presidente da entidade, ela pôde fazer um balanço das atividades desenvolvidas e falar de suas perspectivas para a nova gestão. Sua entrevista certamente irá ajudar os estudiosos e interessados por história oral a entender melhor o desenvolvimento desse campo de pesquisa no Brasil e no exterior.

Marco Aurélio Santana: De que maneira você chegou à história oral? Qual foi o percurso?

Marieta Ferreira: Comecei a trabalhar com história oral de uma forma até um pouco anárquica, sem uma preparação maior, quando fui trabalhar no Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil da Fundação Getúlio Vargas, em 1978, um longo tempo atrás. Um dos projetos que o CPDOC desenvolvia então era o de um Dicionário histórico-biográfico brasileiro referente ao período posterior a 1930, e foi nesse projeto que me engajei, como responsável pelos verbetes sobre imprensa, ou seja, sobre jornais e jornalistas. Como não havia material nenhum disponível, decidi fazer entrevistas para poder coletar informações e produzir os verbetes. As entrevistas não foram feitas rigorosamente de acordo com a metodologia da história oral, não foram transcritas etc. Era mais uma coleta de informações através do uso de entrevistas com jornalistas. Eu acabei entrevistando umas 50 pessoas e adquirindo alguma prática com isso.

Passado algum tempo, em 1992, fui indicada para ser coordenadora do Programa de História Oral do CPDOC. Era um programa já antigo, fundado em 1975. Pouco depois de eu ter assumido essa coordenação, foi organizado em São Paulo um encontro de história oral, em que algumas pessoas foram convidadas a falar das linhas de pesquisa de história oral em diferentes instituições. Foi ainda um seminário pequeno, e tratando-se do Brasil havia poucos participantes. Por exemplo, do Rio de Janeiro, a única pessoa que estava lá era eu, que fiz uma apresentação institucional do que era a linha de história oral do CPDOC. Nessa ocasião, o professor José Carlos Sebe propôs criar uma Associação Brasileira de História Oral. Tivemos uma discussão, para decidir se se criaria ou não uma associação naquele momento, e me lembro bem que a professora Déa Felon declarou que achava um pouco cedo, uma vez que aquele encontro não tinha sido convocado para esse fim e que havia um número reduzido de pessoas reunidas ali. Foi proposto então que se criasse uma comissão que trabalharia durante um ano divulgando essa idéia, e que no fim de um ano se realizasse um novo encontro para pôr a idéia em prática. Em função da sua já antiga tradição no campo de história oral, o CPDOC foi escolhido para sediar a reunião que seria um encontro maior, realmente nacional, para o qual as pessoas enviariam *papers* com antecedência, esses *papers* seriam avaliados etc. Foi criada afinal a comissão, composta por mim, por José Carlos Sebe, Alice Beatriz Lang, Yara Khoury e Antônio Montenegro, e durante um ano nós conversamos, discutimos, enfim, acertamos alguns detalhes sobre como seria a reunião no Rio.

Eu, no Rio, imediatamente entendi também que a realização do encontro não deveria ser uma tarefa exclusiva do CPDOC. Para podermos fazer alguma coisa positiva, tínhamos que juntar pessoas. Procurei então meus colegas do Rio, da Casa Oswaldo Cruz, Fundação Oswaldo Cruz; do Laboratório de História Oral e Iconografia da Universidade Federal Fluminense; do Centro Interdisciplinar de Estudos Contemporâneos (CIEC) da Escola de Comunicação da UFRJ; do Laboratório de Pesquisa Social do IFCS, também da UFRJ, e juntos formamos uma outra comissão, agora local, responsável pela organização do encontro. Nessa fase de preparação, achamos que seria interessante, também, trazer convidados internacionais. Durante aquele ano vim à Europa, fui a Barcelona e resolvi procurar Mercedes Vilanova, que

eu conhecia de nome, mas não pessoalmente. Convidei-a para fazer uma palestra no congresso do Rio e ela aceitou. Além da Mercedes, convidamos também, na França, Philippe Joutard e Michel Trebitsh<sup>1</sup>, do Instituto de História do Tempo Presente – Joutard era reitor em Toulouse e aliás acabou não indo ao encontro, o que foi uma pena. Afinal, em 1994, fizemos a reunião, que foi muito boa. Os dados a respeito podem ser encontrados num livro chamado *História oral e multidisciplinaridade*, que reúne as conferências que foram proferidas e os resumos dos *papers*; na introdução menciono o número de participantes e suas características (Ferreira, 1994). Durante o encontro foi criada a Associação Brasileira de História Oral, fui eleita presidente e fiquei nesse cargo por dois anos. Foi criado o *Boletim* da ABHO, que a Alice Beatriz Lang e a Yara Khoury faziam, e o movimento foi crescendo.

Ao longo desse período, continuei entendendo, e meus colegas também – e acho que isso foi muito importante – que existem muitas divergências, até mesmo de fundo, sobre o que é a história oral, sobre como deve ser feita a história oral, mas que isso não pode ser um impedimento ao entendimento entre aqueles que trabalham com história oral. Essas divergências nunca se transformaram em conflitos que tivessem impedido o desdobramento, o avanço do movimento da história oral no Brasil. Muitas pessoas aqui em Istambul têm me perguntado por que a história oral assumiu uma dimensão tão significativa no Brasil. Acho que, além das características do país, além de termos no Brasil uma rede de financiamento institucional que nos ajuda a realizar encontros, o motivo principal é essa relação que foi criada entre as pessoas e entre as diferentes regiões do país. O fato é que as instituições começaram a fazer encontros regionais, e começamos também a fazer encontros internacionais. Registro como um encontro importante, além dos nacionais, o regional organizado na USP em 1995 sob a coordenação do professor Sebe, que resultou no livro *(Re)introduzindo*

---

<sup>1</sup> Philippe Joutard, professor da Universidade de Toulouse, é autor do livro *Ces voix qui nous viennent du passé* (1983) e publicou, no Brasil, “História oral: balanço da metodologia e da produção nos últimos 25 anos” (In: Amado & Ferreira, 1996) e “Desafios à história oral do século XXI” (In: Ferreira et al., 2000). Michel Trebitsch publicou “A função epistemológica e ideológica da história oral no discurso da história contemporânea”, (In: Ferreira, 1994).

a *história oral no Brasil* (Meihy, 1996). Outro evento importante, que originalmente seria sediado no Museu da Imagem e do Som de São Paulo, foi pensado pela Daisy Perelmutter, que acabou fazendo uma parceria com a PUC de São Paulo e com o Centro Cultural Banco do Brasil, que pediu ao CPDOC um apoio. Esse evento, realizado em 1995, levou ao Brasil Alistair Thomson, Mary Marshall Clark, Lutz Niethammer e Alessandro Portelli<sup>2</sup>. Foi muito bom que essas reuniões acontecessem, porque nós ficamos conhecendo pesquisadores de outros países e eles ficaram nos conhecendo. Isso foi uma coisa ótima, que deu uma circulação, um arejamento de idéias. Cada um tinha um *background* diferente, uma maneira de fazer história oral diferente, e a cada encontro acabávamos fazendo uma publicação, o que permitia que os textos das pessoas de fora começassem a circular no Brasil<sup>3</sup>.

Verena Alberti: Ainda na sua gestão na ABHO houve o encontro de Campinas, no estado de São Paulo.

MF: Havia sido decidido que haveria o III Encontro de História Oral, em Campinas, sob a coordenação da Olga Von Simson. Convidamos

---

<sup>2</sup> Alistair Thomson é professor da Universidade de Sussex, Reino Unido, e foi membro do Conselho da IOHA entre 1996 e 2000. Publicou *Anzac Memories: Living With the Legend* (1994); os artigos "Os debates sobre memória e história: alguns aspectos internacionais" (In: Amado & Ferreira, 1996); "Aos cinquenta anos: uma perspectiva internacional da história oral" (In: Ferreira et al., 2000), "Recompondo a memória: questões sobre a relação entre a história oral e as memórias" (1997) e, em co-autoria com Robert Perks, a coletânea de artigos *The Oral History Reader* (1998). Mary Marshall Clark, diretora adjunta do Oral History Research Office, da Universidade de Columbia, Nova York, é autora de "Esquecendo Louise Rouget: o problema do individualismo, da coletividade e das lembranças não-compartilhadas na história oral e na cultura dos Estados Unidos" (1997). Lutz Niethammer publicou, em 1980, a primeira coletânea de artigos sobre história oral surgida na Alemanha (Niethammer, 1980) e é co-autor, com Alexander von Plato, da trilogia sobre a pesquisa de história oral com os trabalhadores do vale do Ruhr. No Brasil, Niethammer publicou "Conjunturas de identidade coletiva" (1997). Alessandro Portelli, professor da Universidade de Roma, foi membro do Conselho da IOHA de 1996 a 2000. Publicou, entre outros, *The Death of Luigi Trastulli and Other Stories: Form and Meaning in Oral History* (1991), e os artigos "O massacre de Civitella Val di Chiana (Toscana: 29 de junho de 1944): mito, política, luto e senso comum" (In: Amado & Ferreira, 1996); "A filosofia e os fatos" (1996), e "Memória e diálogos: desafios da história oral para a ideologia do século XXI" (In: Ferreira et al., 2000).

<sup>3</sup> O encontro "Ética e história oral", realizado na PUC de São Paulo e no Centro Cultural Banco do Brasil, deu origem à publicação "Ética e história oral", volume 15 da Revista *Projeto História* (São Paulo, abr. 1997, organização de Daisy Perelmutter e Maria Antonietta Antonacci).

Ronald Grele, convidamos Henry Rousso, do Institut d'Histoire du Temps Présent, e Alicia Bonfil, da Universidade Autónoma do México<sup>4</sup>. Enfim, o que eu acho que é importante reter disso é que o Brasil abriu as portas, abriu os contatos internacionais, trazendo pessoas de diferentes países, com diferentes orientações, com diferentes temáticas. Isso teve um resultado muito positivo, dinamizou muito os encontros regionais. Agora, nós temos que reconhecer que o Brasil tem uma rede institucional de apoio e financiamento que foi fundamental, porque esses encontros todos foram realizados com dinheiro das universidades, dos centros de pesquisa, das agências públicas voltadas para o financiamento da pesquisa. Foram eles que permitiram que esses eventos acontecessem, e que começasse a relação internacional.

VA: Você chegou a ir ao encontro de Nova York, em 1994?

MF: Sim. Foi um encontro organizado por Ronald Grele, muito interessante. Outros brasileiros também foram, como Déa Fenelon, Yara Khoury, Antonio Montenegro, Zeila Demartini, Alice Beatriz Lang. A cada encontro desses estreitávamos os laços não só entre nós, brasileiros, mas também com a comunidade internacional de história oral. Até que houve o encontro de Gotemburgo, em 1996. Foi possivelmente por conta dessa emergência do Brasil no cenário internacional da história oral, que os organizadores do congresso da Suécia me convidaram para fazer uma conferência de abertura em Gotemburgo. Essa palestra foi até publicada no primeiro número da revista da Associação Brasileira de História Oral, sem ter sido, contudo, mencionado que aquele artigo tinha sido a minha conferência em Gotemburgo – algumas coisas que falo ali são meio óbvias para o Brasil, mas não eram para aquele contexto internacional (Ferreira, 1998). Em Gotemburgo, houve então as eleições para se criar formalmente a Associação Internacional de História Oral. Havia uma chapa montada, encabeçada pelo Paul

---

<sup>4</sup> Ronald Grele é autor de *Envelopes of Sound: the Art of Oral History* (1991), publicado pela primeira vez em 1975, e diretor do Oral History Research Office, da Universidade de Columbia, Nova York, Estados Unidos. Henry Rousso publicou, no Brasil, "A memória não é mais o que era" (In: Amado & Ferreira, 1996), e "Usos do passado na França de hoje" (In: Simson, 1997). O artigo "Experiências sobre a tradição oral de Cuauhtemoc", de Alicia Olivera de Bonfil, também está publicado em *Os desafios contemporâneos da história oral – 1996* (Simson, 1997), coletânea que reúne as palestras do encontro de Campinas.

Thompson<sup>5</sup> e com várias outras pessoas. O Montenegro já tinha sido eleito presidente da ABHO e eu me lembro que nós, os brasileiros, conversando a respeito, achamos que devíamos propor um outro nome. E para nossa surpresa, a proposta brasileira de lançar o nome da Mercedes foi aceita por um grande número de pessoas e acabou resultando na eleição dela. Acho que isso foi positivo, porque deu uma abertura para o movimento de história oral muito grande.

No Brasil houve uma continuidade do movimento de expansão da história oral, com a realização do IV Encontro em Recife, em 1997, e de vários eventos que foram engrossando esse movimento e aglutinando pessoas. Em Gotemburgo, o Brasil foi escolhido para sediar a próxima conferência internacional no Rio de Janeiro, e eu fiquei responsável por isso no CPDOC. A organização da conferência no Rio de Janeiro foi extremamente importante para o Brasil. Mais uma vez, eu gostaria de registrar que nós lideramos essa conferência no CPDOC, mas buscamos o apoio das outras instituições do Rio, que participaram conosco formando um comitê, como está explicitado nos anais da conferência, bem como tivemos o total apoio da então já existente Associação Internacional de História Oral e da própria ABHO. Novamente convidamos várias pessoas, que participaram de mesas redondas e de conferências. Dessa vez, finalmente, o Philippe Joutard foi, e tivemos também um número enorme de participantes do mundo inteiro, com tradução simultânea e todas aquelas coisas de que eu acho que as pessoas ainda se lembram. Os dados dessa conferência estão em parte nos anais, e agora nós estamos preparando um livro com os *papers* das pessoas que falaram nas mesas redondas e conferências, que vai sair proximamente<sup>6</sup>.

Tudo isso criou um espaço importante de conversa, de troca. Nós conseguimos canalizar um desejo de todos os brasileiros de que nós deixássemos de ser meramente pessoas que recebiam estrangeiros, ouvíamos conferências de estrangeiros e publicávamos *papers* de estrangeiros.

---

<sup>5</sup> Professor da Universidade de Essex, Reino Unido. Publicou diversos livros, entre eles *The Voice of the Past; Oral History* (1978) e *Our Common History: the Transformation of Europe* (1982), este último em co-autoria com N. Burchardt.

<sup>6</sup> Os anais do congresso foram publicados em três volumes (*Oral History: challenges for the 21st century: Xth International Oral History Conference proceedings*. Rio de Janeiro, CPDOC/FGV/Fiocruz, 1998, 3 v. As palestras e mesas redondas foram publicadas em Ferreira et al., 2000.

Nós queríamos fazer isso, mas nós também queríamos uma troca: publicar nossos textos no exterior, participar das conferências no exterior... Porque as antigas conferências de história oral eram extremamente fechadas, pequenas, com uma dificuldade de participação muito grande. Isso de você ter um grande número de pessoas, uma possibilidade ampla de participação de diferentes países e instituições não era uma coisa fácil. Eu me lembro perfeitamente que, na conferência da Itália, realizada em 1993, apenas quatro brasileiros foram aprovados para apresentar *papers*. Realmente era uma coisa extremamente restrita. Eu acho que, depois da criação da Associação Internacional, houve uma abertura muito grande, com a incorporação de vários países e vários grupos.

VA: E como você avalia a gestão da Mercedes? Não existia nenhuma associação, em Gotemburgo vocês começaram do nada – você como vice-presidente –, e agora você está recebendo uma estrutura já montada. Quer dizer, como você avalia esses dois anos?

MF: Quatro, na verdade. Porque esse comitê foi eleito em Gotemburgo, no Rio houve uma outra eleição, a Mercedes foi reeleita e o conselho em sua grande parte foi mantido. Eu acho que recebo um saldo positivo. É claro que muitas pessoas já foram arregimentadas para trabalhar nisso, e esse encontro de Istambul também é mais uma etapa. É como se fosse um edifício, que você fosse colocando pedrinhas e tijolos para ir construindo uma coisa maior. Foi feita uma publicação – *Words and Silences, Palabras y Silencios* – em inglês e espanhol, foi feita a *newsletter* que divulga, tem uma *homepage* que também divulga eventos, realizações, notícias da história oral pelo mundo... E acho principalmente que a Associação Internacional foi capaz de trazer muita gente. Quer dizer, a grande contribuição da criação, da formalização – porque já existia um movimento de história oral, já existia um comitê internacional antes –, o grande mérito da Associação Internacional de História Oral criada em Gotemburgo foi exatamente a abertura para novos continentes, novos países, novos povos... A história oral era uma coisa muito centrada na Europa Ocidental e nos Estados Unidos. E mesmo na Europa Ocidental, em alguns países. Nessa nova associação, a América Latina passou a ter um peso muito grande, países do Leste também passaram a ter um peso grande... A própria realização das conferências no Rio e em Istambul é uma indicação disso. Foram duas cidades fora das rotas, das redes tradicionais de realização dos eventos.

E agora essa nova proposta de realização da próxima conferência na África é um aprofundamento disso. Acho que vai ser um grande desafio, existem dificuldades internas, políticas, existem dificuldades de recursos – são países que têm mais dificuldades do que o Brasil, do que a Turquia –, mas vale a pena a gente investir nisto e correr esse risco, porque vai ser um ganho importante para os africanos e para a Associação Internacional.

VA: E sua eleição, Marieta, como foi esse processo?

MF: Na verdade, para mim isso foi uma coisa totalmente inesperada. Até porque eu imaginava que as pessoas que integravam a diretoria já em duas gestões não poderiam ser indicadas para a eleição. Essa era a minha percepção. Algumas pessoas, até no Brasil, me perguntavam: “Você vai se candidatar?” Eu disse: “Não, nem penso nisso.” Além do mais, como diretora do CPDOC e professora da UFRJ, a minha vida já é muito atribulada e difícil. Eu não tinha nenhuma expectativa nessa direção. Até a Mercedes em alguns momentos me consultou; eu cheguei a sugerir alguns nomes. Ela nunca me perguntou: “Marieta, você gostaria? Você está pensando nisso?” Não houve uma conversa, porque da minha parte era uma coisa que eu realmente não cogitava. E para minha surpresa, na primeira reunião que nós tivemos aqui em Istambul, o Alexander von Plato<sup>7</sup>, da Alemanha, indicou meu nome, dizendo que ele achava que eu deveria ser a candidata à sucessão da Mercedes. E consultou as pessoas, se havia outras sugestões, outras propostas, e por unanimidade todas as pessoas disseram que o nome que elas gostariam que fosse apresentado era o meu. E por quê? Porque o Brasil já tem uma tradição, é um país importante no campo da história oral; porque eu tinha coordenado o trabalho de realização da conferência no Rio, e porque eles gostariam que a Associação estivesse em mãos de países fora do circuito Europa-Estados Unidos. Eu acho que esse foi um dos motivos que fortaleceram o meu nome. E acho que

---

<sup>7</sup> É diretor do Instituto de História e Biografia da Universidade Aberta de Hagen, Alemanha, e foi secretário da IOHA de 1996 a 2000. Publicou diversos textos sobre história oral, entre eles, em co-autoria com Lutz Niethammer, a trilogia sobre o projeto Lusir, uma ampla pesquisa de história oral com os trabalhadores do vale do Ruhr. Publicou o artigo “Competições entre vítimas” (In: Ferreira et al., 2000). É editor da revista *Bios – Zeitschrift für Biographieforschung und Oral History*, publicada pela Universidade de Hagen desde 1988.

o fato de eu ser de língua portuguesa, de ter contato com o mundo ibérico e o mundo luso-africano, também foi uma coisa que fortaleceu o meu nome. Um conjunto de fatores, nesse momento, fez com que houvesse uma unanimidade no conselho quanto à indicação de meu nome.

Eu não aceitei imediatamente, porque fiquei absolutamente surpresa. Eu disse que ia consultar os outros brasileiros que estavam aqui – o próprio Marco Aurélio, que é o secretário da Associação Brasileira e História Oral e que estava aqui como representante da Associação –, que não me sentia confortável para aceitar a candidatura sem um apoio dos meus colegas brasileiros. Naturalmente eu não fiz uma assembléia, nem consultei um a um, mas conversei com o maior número possível de pessoas e também conversei com outras pessoas da comunidade internacional de história oral que acho que têm uma liderança, para saber o que elas achavam, se elas tinham outro nome, enfim. Então eu decidi aceitar, porque, embora eu ache que isso vai ser difícil e complicado para mim, eu conto com o apoio das outras pessoas do Brasil para me ajudarem nessa tarefa e da ABHO para também me apoiar nisso e me ajudar a tomar decisões ou eventualmente fazer trabalhos que nós possamos fazer juntos... Eu acho que é uma grande oportunidade para o Brasil ter uma pessoa que tem uma trajetória, digamos, na história oral brasileira, como coordenadora do Programa de História Oral do CPDOC, como organizadora, junto com outras instituições, de duas conferências, como primeira presidente da ABHO... E acho que ninguém faz nada sozinho; quem acha que faz as coisas sozinho está fadado ao fracasso. Então é legal para o Brasil – não sou só eu, Marieta, nem é o CPDOC que está na presidência da Associação Internacional; são os brasileiros que, de alguma forma, vão ter um canal maior de participação e de representação.

MS: O que você espera da sua gestão? Tendo em vista que você já fez parte da diretoria anterior, você já tem esse balanço. E o que você espera agora que vai estar nesse posto?

MF: Eu acho que ainda temos muitas coisas para fazer na Associação. Por exemplo, temos que melhorar as publicações do ponto de vista de ter uma maior circulação, e acho que precisamos principalmente aumentar o número de sócios, fazer crescer a Associação Internacional de História Oral. Nós ainda somos poucos. Antes do início da Conferência de Istambul, contabilizávamos cerca de 180 membros. É importante que no

Brasil as pessoas se filiem, que busquemos filiados em todo o mundo. Acredito que já aqui esse número deva ter crescido, porque certamente muitas pessoas que estão na conferência se associaram. O momento das conferências é muito importante, porque é o momento que aglutina pessoas, e em que as pessoas se associam. Então, isso é um ponto: divulgar mais, circular mais as informações. Na gestão da Mercedes isso foi feito, mas é importante que isso seja ampliado. Definir melhor também as regras de funcionamento da própria Associação. Nós temos estatutos, mas eles são *guidelines* bem gerais e muitas vezes temos dúvidas sobre como conduzir isso ou aquilo. Nesse novo Conselho que nós escolhemos, existe uma pessoa que ficará responsável por definir melhor o formato institucional da Associação. Há outras pessoas encarregadas das publicações, da *homepage*, que queremos melhorar, tornando-a mais dinâmica; queremos fazer com que a *newsletter* deixe de ser papel e passe a circular por meio eletrônico. Então eu acho que a idéia é de expansão, de abertura e de conversa em diferentes grupos, em diferentes países, de troca e de diálogo, porque isso é que pode efetivamente engrandecer e fortalecer a Associação.

## Referências bibliográficas

- AMADO, Janaína & FERREIRA, Marieta M. (orgs.). *Usos & abusos da história oral*. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 1996.
- BURCHARDT, N. & THOMPSON, P. *Our Common History: the Transformation of Europe*. London, Pluto Press, 1982.
- CLARK, Mary M. "Esquecendo Louise Rouget: o problema do individualismo, da coletividade e das lembranças não-compartilhadas na história oral e na cultura dos Estados Unidos". In: Revista *Projeto História*, São Paulo, 15, abr. 1997.
- FERREIRA, Marieta M. (org.), *História oral e multidisciplinaridade*. Rio de Janeiro, Diadorim/Finep, 1994.
- FERREIRA, Marieta M.; FERNANDES, Tânia .M.; ALBERTI, Verena. (orgs.). *História oral: desafios para o século XXI*. Rio de Janeiro, Editora Fiocruz, CPDOC/FGV, 2000.
- GRELE, Ronald. *Envelopes of Sound; the Art of Oral History*. New York, Praeger, 1991 (1ª ed. 1975).
- JOUTARD, Philippe. *Ces voix qui nous viennent du passé*. Paris, Hachette, 1983.

- MEIHY, José C.S.B. (org.) *(Re) introduzindo a história oral no Brasil*. São Paulo, Ed. Xamã, 1996.
- NIETHAMMER, Lutz. *Lebenserfahrung und kollektives Gedächtnis. Die Praxis der "Oral History"*. Frankfurt a.M., Syndikat, 1980.
- \_\_\_\_\_. "Conjunturas de identidade coletiva". In: *Revista Projeto História*, São Paulo, 15, abr. 1997.
- PORTELLI, Alessandro. *The Death of Luigi Trastulli and Other Stories; Form and Meaning in Oral History*. Nova York, SUNY Press, 1990.
- \_\_\_\_\_. "A filosofia e os fatos". In: *Revista Tempo*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, dez. 1996
- SIMSON, Olga R.M.V. (org.). *Os desafios contemporâneos da história oral: 1996*. Campinas, CMU-Unicamp, 1997.
- THOMSON, Alistair. *Anzac Memories: Living With the Legend*. Oxford, Oxford University Press, 1994.
- THOMPSON, Paul. *The Voice of the Past; Oral History*. Oxford, Oxford University Press, 1978.